

Stadium

N.º 389 ★ 17-MAIO-1950 ✕ 2\$50

PORTUGAL 3-INGLATERRA 5— Na 2.ª parte, numa reacção esforçada e brilhante, a equipa portuguesa marcou três bolas em 15 minutos, destruindo a superioridade do jogo Inglês. Esta fase é um documento palpitante do que foi esse ataque. Albano, Ben David e Vasques cercam o guarda-redes com intenções fáceis de adivinhar. **Bravos rapazes!**



FOI a 25 de Maio de 1947 que Portugal sofreu o rude golpe de perder contra a Inglaterra — quando o horizonte estava desanuviado! — por um desnível que afogou as pequeninas vaidades, aliás compreensíveis, que começavam a germinar no futebol português. A mancha escura alargou-se um pouco, porque há pessoas que adoram remexer nas dores, e o certo é que o segundo encontro Portugal-Inglaterra se apresentava como uma prova real, ou para confirmar um desnível que nos colocaria numa situação de grande inferioridade ou para rectificação de valores, atenuando a derrota de então e atribuindo-a a um estado anormal da nossa equipa. Felizmente, essa prova verificou-se nas piores condições para a selecção portuguesa, que esteve a perder por 0-3, ao atingir o intervalo, sendo punida com duas grandes penalidades, e acabando por ser vencida por 5-3, mas tornando a vida difícil ao grupo inglês ao ponto de o igualar — para não ir mais além, por elementar prudência... Não vale a pena remontar às causas — insistimos em que só uma grande fadiga originou o desastre do passado — que estiveram na base do resultado irregularmente desnivelado da primeira partida, mas está provado agora, de uma vez para sempre, que aqueles números apesar da diferença de classe dos dois antagonistas não correspondiam à verdade. Todas as equipas, por melhores que sejam, têm o seu dia de derrocada, aquele em que tudo lhes sai mal e em que o desenrolar do jogo, por vezes caprichoso, recompensa o esforço do adversário. Mas daí não se devem tirar conclusões precipitadas.

Foi um dia grande para o futebol português, este, em que perdemos contra a Inglaterra por 5-3, e aos que se admirarem de exaltarmos com tão grande entusiasmo o que é, no fundo, uma derrota, diremos que, nas condições em que esta se deu, representa uma viva alegria para os portugueses a figura feita ante os mestres de Londres. Porque a equipa vencedora não foi superior, na linha geral do encontro, ao grupo nacional.

A partida deve dividir-se em duas partes, nítidas e inconfundíveis, tendo cada uma delas um sinal. Se a equipa inglesa nos levou vantagem no que respeita à técnica dos seus componentes, talvez modelos perfeitos, como conjunto e organização disse-nos bem pouco.

Os grupos alinharam da seguinte maneira:

Portugal — Ernesto, Virgílio, Felix e Carvalho; Serafim (Boavista) e Francisco Ferreira; Rogério, Vasques, Ben David, Travaços e Albano. Depois Francisco Ferreira saiu do rectângulo, por distensão numa perna, e Barrosa tomou o lugar de Virgílio.

Inglaterra — Williams; Ramsay, Jones e Aston; Wright e Dickinson; Milburn, Mor-

MESTRES E DISCÍPULOS — QUE CONFUSÃO!

por TAVARES DA SILVA

tensen, Bentley, Mannion e Finney.

Árbitro — O italiano Giuseppe Carpani. *Julzes de linha* — os seus compatriotas Generoso Datillo e Agustín Gamba.

A equipa inglesa jogou bastante bem no primeiro quarto de hora. Pôs a bola rente ao terreno, sua preocupação de todo o encontro, despedindo ataques de boa ligação. Aos 8 minutos, Finney, carregado por Virgílio, transforma um penalti na primeira bola.

O jogo desenvolve-se com supremacia inglesa. Ao quarto de hora, numa jogada pessoal, Mortensen dribla todos os adversários que lhe surgem e aumenta o activo para duas bolas.

O grupo nacional assenta o seu jogo, opondo-se à maneira do adversário também com futebol rasteiro. A defesa dos ingleses marca muito bem, e os deanteiros portugueses vêm-se obrigados ao remate de longe, que é uma forma como outra qualquer de fugir às dificuldades e de tentar a chance.

Deixamos de jogar à defesa e passamos subitamente ao ataque, mostrando arcaiboço para os entendimentos futuros que, daí a pouco, deviam verificar-se.

A meia hora, quem vive no futebol não deve admirar-se das injustiças do Jogo, ao mesmo Finney sobra-lhe o tempo para preparar o remate e subir para três o número de golos. Continuamos a reagir cheios de moral, mas de nada servem os nossos esforços.

Na segunda parte — tudo muda. Damo-nos a futebol de ataque, e dele nasce a primeira bola portuguesa, de centro de Vasques que Ben David recolhe de cabeça. Jogamos cada vez mais rápido, e as demarcações dos portugueses desorientam os seus categorizados adversários, os quais perdem a precisão de movimentos. São magníficas as trocas de lugares dos nossos dianteiros. Quando Finney, numa jogada de classe e que só por si ataca a envergadura de quem a fez, marca a quarta bola, o feito, longe de desanimar os nossos rapazes mais espavitos o seu ânimo. Nada seria capaz nesse momento de enfraquecer a moral do Grupo das Quinas — já inteiramente lançado na bela reacção. Vieram, então, ao de cima os malabarismos dos jogadores-artistas de Portugal. O 2.º golo, de Ben David, deve-se a uma insistência oportuna de Albano.

A equipa portuguesa conquistou o público, atraindo-se contra os ingleses com entusiasmo, vigor e tenacidade.

Joga de tal modo que o adversário se surpreende, recorrendo uma vez por outra a jogadas ilícitas. No meio da segunda parte — somos amos e senhores. Uma terceira bola, de Vasques, de cabeça — que momento! — aproxima-nos das quatro bolas do grupo da Inglaterra. O empate está à vista. E surge nesse instante o penalti, por carga de Carvalho a Finney, e o mesmo é que dizer o 5.º golo. Nada nos detem. Perdemos o respeito aos mestres. Continuamos ao ataque, e chega-se ao fim de cara alegre.

Os ingleses formaram o sistema que está hoje divulgado por toda a parte. A sua preocupação de jogo rasteiro tornou-se patente em toda a partida: futebol rasteiro, preciso e curto. Quando esteve ao ataque, o grupo carrilhou bem e conseguiu dar uma impressão muito agradável do seu ritmo e estilo, penetrando e despedindo fortes remates. No seguimento, porém, ao ter de defender, o *team* mostrou-se sem poder e coesão suficiente para passar da defesa ao ataque, metendo água por todos os lados.

A equipa de Portugal demorou um pouco a encontrar-se. No período de começo praticou muitos desastros. Mas ao encontrar-se, atingiu um ponto de jogo elevado, não só movimentando-se com a precisão das grandes equipas como revelando os seus elementos qualidades de execução nada inferiores aos melhores ingleses. Isto poderá parecer exagero, mas é assim mesmo. Servimo-nos, principalmente, da rapidez — uma arma terrível! — e do ímpeto e agilidade de várias unidades para destroçar e conter em respeito um grupo que, no papel, ficava a uma distância infinita da nossa modestia. Quando carrilámos, com a modelar organização de uma boa equipa, o futebol inglês sumiu-se quase por completo, ficando apenas no Vale do Jamór, a graça, perfume e arte do futebol português.

Há quem não tenha gostado da arbitragem do italiano Carpani, que, quanto a nós, seguiu muito bem o jogo e julgou as faltas com perfeita consciência e não se deixando influenciar pelos entusiasmos do público. São os penaltis que mais acesa discussão provocam, mas a verdade é que a respeito do primeiro não poderá haver legitimamente dúvidas e quanto ao segundo uma interpretação benévola podia ter deixado passar em claro a falta, mas o critério depende da pessoa que tem o apito no seu mando. O árbitro

foi, aliás, muito bem auxiliado. Finney, na equipa de Inglaterra, transformou-se na figura n.º 1. Ele foi o impulsivo e o rematador perigoso, aproveitando com rara habilidade todas as ocasiões. A forma como conquistou a quarta bola define um jogador. Bentley actuou de modo inferior, e Milburn não se adaptou ao lugar (isto depois a favor de Carvalho). Os interiores, elementos de genialidade, ressentiram-se da falta de combinação com os médios e do afastamento destes. Jones afirmou a sua presença em campo, valorizando com a sua própria actuação o comportamento brilhante de Ben David. O guarda-redes não nos mostrou nada de novo.

E do lado dos nossos, Ernesto fez uma estreia que é toda uma promessa: embora nervoso, teve defesas magníficas. Virgílio está em crise de forma e o seu problema talvez seja de ordem moral. Barrosa distinguiu-se pelo vigor e tempoamento de luta. Felix cresceu na 2.ª parte e tornou-se notado o seu jogo por alto. Devemos abrir alas ao falar de Carvalho. Que sentido de luta! Que fibra! Um pequeno que é um verdadeiro gigante. Segue o adversário e não o larga, serve-se da rapidez e imprevisível e acaba por metê-lo no bolso. Serafim dá-se melhor no posto de médio-esquerdo: jogou sem aventuras, talvez um pouco cauteloso e contra o seu feitio. Francisco Ferreira sofreu a lesão no momento em que estava a impôr-se. Canário foi uma figura dominante, do maior relevo — ganhando o tratamento de senhoria. Rogério teve má tarde — e todos lhe atiram... Vasques jogou o suficiente para se ver nele o jogador extraordinário que podia ser... Ben David contribuiu com largo quinhão, pela inteligência com que fugiu a Jones e se desmarcou, aliás, no seu jeito de jogador, para o triunfo. Como estreia — ainda todos estamos lembrados de Peyroteo! — não se podia exigir mais. Travassos já nos acostumou a ser um jogador inconfundível. Albano transformou-se na alma do ataque, dando-nos os melhores momentos de futebol ofensivo. E de vencer o seu magistral desafio. Fomos eliminados pela Espanha porque ainda não tínhamos o grupo afinado. Os Mestres já nos sentiram. E agora venha a Escócia.

Série II — Ano VIII — N.º 389
Lisboa, 17 de Maio de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone. 3117 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

DIRIGENTES E JOGADORES

TALVEZ se não esperasse a resistência, o bom jogo da equipa portuguesa. Por outras palavras: «tão bom jogo» contra os Mestres Ingleses. Todas as opiniões conduzem a esta solução, a este pensamento, e até os desportistas estrangeiros que nos visitaram julgaram de igual modo.

A equipa portuguesa desempenhou bem o seu papel, mostrando-se unida depois das alterações que lhe foram introduzidas com oportunidade, embora aqui e além se notassem algumas falhas. Rogério, por exemplo, não foi feliz, sem que tivesse merecido alguns assobios do público.

Mas interessa-nos apontar algumas opiniões de quem viu o jogo dos seus lugares responsáveis. O seleccionador espanhol Elizaguirre, conversando largamente sobre as duas equipas, e até sobre as possibilidades da Espanha no próximo Campeonato do Mundo, confiou-nos opiniões curiosas.

Ouçamo-lo:
— Tenho a impressão de que a Inglaterra não ganhará o Campeonato do Mundo. Este, por certo, não virá para a Europa...

— Brasil?
— Sim, o Brasil poderá triunfar. Jogará na sua terra. Conhece o clima. E além disso, o Brasil sabe jogar. Mas isso se verá na altura própria.

— O papel da Espanha?
— Veremos, veremos. Não sairemos de Madrid vencidos.
— Se a Espanha jogasse no último domingo contra a Inglaterra, teria feito bom resultado?

— Bastava que fosse tão brilhante como o da equipa portuguesa. Portugal fez uma segunda parte admirável, batendo-se bravamente. Em Madrid, porém, talvez nos não fugisse a vitória. A Inglaterra jogou menos do que eu esperava. Mas possui uma equipa de muita categoria, embora faltem rematadores como Lawton e Matthews. Finney, o extremo-esquerdo, foi o mais fulgurante, parecendo-me que está no máximo da sua forma.

— Nos portugueses?
— Carvalho jogou mais do que contra a Espanha. Neste desafio contra a minha equipa, Carvalho foi muito duro. Desta vez, jogou como deve jogar um verdadeiro defensor. Parecendo lento quando se desenha o lance, é rapidíssimo a entrar quando a bola está nos pés do adversário. Salta bem, e só assim se admite o facto de ter batido o extremo direito inglês no jogo alto.

«Mas Carvalho não esteve só. Albano actuou endiabradamente. Na segunda parte delicou-me com o seu jogo e o seu espirito. Canário deve ter atingido o máximo da sua forma. Travassos é sempre um grande jogador. Os estreantes parece-me, não andaram mal.

— Se fôsse seleccionador

manifestaram a sua opinião

português, faria as duas substituições?

— Fazia. Foram oportunistos. Vergílio, que já admirei várias vezes, precisa de recuperar — e recuperará. Pareceu-me nervoso. Mas é novo. Francisco Ferreira, alma de lutador, sempre generoso, estava também a dar pouco rendimento.

Rodeavam-nos Jorge Vieira, Salvador do Carmo e João de Brito. Também ouviam esta troca de impressões, e o Jorge colaborou até, na conversa, dizendo:

— Dada a pouca vivacidade que Rogério estava a demonstrar, julgo que Jesus Correia teria assegurado — quem sabe? — talvez a vitória. Canário e Serafim, deveriam ter jogado logo de início. Como Barrosa.

— A equipa de Inglaterra?
— Menos equipa que a de 1947:

Não me impressionou extraordinariamente. No Brasil vai ter uma actuação difícil.

E' também a opinião dos seleccionadores portugueses. Estes mostram-se satisfeitos com o resultado, e ainda mais com o jogo da nossa equipa.

Salvador do Carmo dá-nos mesmo as suas impressões sem constrangimento:

— É claro que todos apontarão uma ou outra falha. Isso foi sempre assim.

— Hoje não faltam pontas direitas — afirma risinho João de Brito... Ontem, as opiniões

gerais favoreciam Rogério...

— Os melhores portugueses?
— Todos! — garante Salvador do Carmo.

— Carvalho, Albano, Canário, Serafim, Travaços — comenta João de Brito.

O dr. Vergílio Paula, que se abeirou do nosso grupo, diz-nos também:

— Não se podia fazer melhor contra os mestres ingleses. Rectificou-se o resultado de 1947. Nesse dia tudo foi contra nós. E tudo favoreceu a equipa inglesa.

Os melhores portugueses? É fácil: Albano, Carvalho, Travaços, Canário e Felix, na segunda parte.

Procuramos outras opiniões. No Estoril juntaram-se muitos desportistas dirigentes — e não era difícil escolher...

O capitão António Cardoso, que representava o sr. coronel Sacramento Monteiro, Director-Geral dos Desportos, afirmou-nos:

— Falhou apenas o extremo direito da equipa nacional. Gostaria de ver Franklin no seu lugar.

O dr. António José de Melo, opina:

— Na segunda parte, a nossa equipa impressionou-me. Passar de 0-3 para 3-5, é ótimo. Cheguei a ter a impressão de que os papéis estavam trocados.

Alberto Brito, director da Federação:

— Carvalho, Canário, Albano, Serafim e Travaços —

muito bem. Ben David, agradeceu-me e «va lá». Felix, teve boa 2.ª parte. Só o extremo direito Rogério foi pouco feliz.

— Sobre a arbitragem?
— A grande penalidade aplicada a Carvalho foi forçada. No resto — bem.

Entre os ingleses havia alguma coisa de surpresa com o jogo dos portugueses na segunda parte. Mr. Winterbottom, «manager» da equipa, informou:

— Portugal tem equipa para ganhar à Escócia. Os escoceses são mais duros, porém. Gostei da vossa equipa. Vê-se que foram de facto infelizes em 1947.

Finney, extremo esquerdo da equipa:

— Os portugueses jogaram bem na 2.ª parte. Nós não esperávamos que a equipa reagisse tanto, e tão bem.

— O árbitro?
— As duas grandes penalidades existiram.

Voltamos a falar com os portugueses. Agora os jogadores: Francisco Ferreira:

— Uma distensão aborrecida tirou-me possibilidades.

Vergílio:

— Voltarei à equipa. Não sou de desanimar.

Carvalho:

— Parece que há motivo para estar contente.

Ben David:

— Comecei nervoso. Mas depois de marcar a primeira bola, ganhei confiança.

Ernesto:

— Fiz o que pude. Os ingleses rematam bem, mas não estou aborrecido com o meu trabalho.

Barrosa (que estava junto de Vergílio):

— Jogámos bem na segunda parte. Os Mestres perturbaram-se um pouco...

Canário:

— Gostei, gostei. Isto, cá por mim, ainda não está mal...

Serafim:

— O jogo não me correu mal. O penalty? A baliza estava em perigo...

As principais opiniões estavam arquivadas: Revelou-nos optimismo, alguma segurança. Contra a Espanha, quando empataram não se jogou mal, como se sabe. Contra os ingleses, também as coisas nos correram de feição.

Vá lá: o futebol português tem o seu valor e sua esperança justificada.

RODRIGUES TELES

OS ESGRIMISTAS EM MARSELHA

(Continuação da página 12)

Lutando contra numerosos e fortes adversários, entre os quais figuravam muitos dos mais apreciados mestres de armas de França, os nossos representantes houveram-se com brio e chamaram para a sua classe e boa escola, as atenções gerais.

As duas provas, de espada e sabre, foram ganhas por profissionais da esgrima; no sabre, Andrade Barreto foi finalista, derrotado pelo mestre Thirioux por 3-5, 5-1 e 1-5, depois de haver batido na meia-final o mestre Mayoux por 5-2 e 5-3.

Na prova de espada, os portugueses ganham as suas séries eliminatórias; Mourão, Melo e Castro e Alvaro Pinto continuam vencedores nas séries respectivas dos quartos de final e das meias finais e participam os três na fase final que comporta apenas dezasseis atiradores, classificando-se Pinto em quinto lugar.

Eis o balanço sintético das mais do que honrosas classificações dos lusitanos, cujo valor se reflecte no tom elogioso de toda a imprensa local.

Assim, por exemplo, «Le Meridional» proclama em título a três colunas que «Os portugueses se afirmam os mais perigosos espadistas»; em comentário final ao torneio, o mesmo diário afirmava: «Os portugueses, após haverem merecido o favor dos prognósticos, tiveram que inclinar-se ante os franceses, mas os assaltos em que lutaram os espadistas Mourão e Pinto antes de se confessarem vencidos, foram magníficos. Mourão, que ainda é jovem, tem estofos de grande campeão. Os portugueses contam igualmente em Barreto com um sabrista de grande futuro; lança seus golpes com tamanha rapidez, tal «fúria», que é difícil evitá-los».

Um outro órgão da imprensa marselhense, «Dernière Heures», também em título de grossas letras admitia cautela com os portugueses.

Estas citações bastam para comprovar o bom conceito que a esgrima portuguesa conquistou, mercê do excelente comportamento dos seus representantes, neste importante torneio internacional.

JOSÉ DE EÇA

Todo o desportista
deve assinar a

Stadium

O DESAFIO PORTUGAL-INGLATERRA



As equipas de Inglaterra e de Portugal, perfiladas, na usual saudação de honra, escutam os hinos nacionais dos dois países



As equipas de Portugal e de Inglaterra entram em campo, ao mesmo tempo



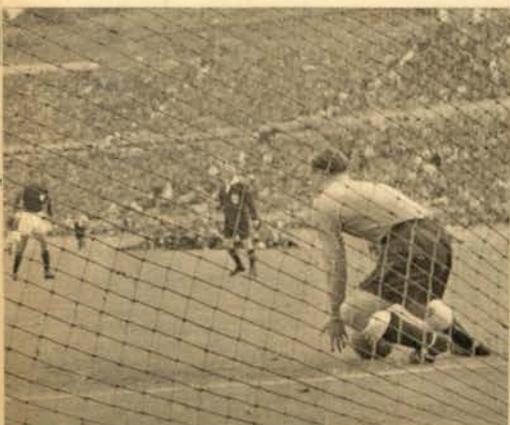
Os capitães, Francisco Ferreira e Wright, cumprimentam-se na presença do árbitro Giuseppe Capani



EQUIPA NACIONAL DE INGLATERRA



EQUIPA NACIONAL DE PORTUGAL



Williams defende quase sobre a linha da baliza um forte remate



Ernesto defende, e Felix tapa o caminho a Mortensen



Ernesto, todo no ar, horizontalmente, num esforço magnífico, toca na bola e desvia-lhe o rumo. A bola sai fora



Carvalho interveio e Mortensen cai, aplicando o árbitro o segundo penalti contra Portugal. Era o momento em que procurávamos com empenho o empate. Veja-se o que se passa ao lado...



Finney marca o penalti da mesma forma que o primeiro, sem apelo nem agravo. É a 5.ª bola inglesa.

GOLOS

MOMENTOS CULMINANTES DO PORTUGAL INGLATERRA



Ben David, numa posição atlética, plena de entusiasmo, luta pelo remate. O rapaz mostra garra e temperamento



Uma avançada perigosa dos ingleses. Mesmo que Ernesto não tivesse defendido, o perigo devia ser afastado por Félix ou Carvalho. Veja-se a sua colocação.



Vasques recebe o centro, por alto, de Ben David, e marca a melhor bola (3.ª) da partida



Depois da falta de Serafim, logo na abertura do encontro, o árbitro marca penalti e Finney abre o activo. É a primeira bola.



Ben David, metido num magote de jogadores, em frente das pernas de Albano e bate Williams. É o se-



Ben David recolhe o centro largo de Vasques e antecipa-se ao guarda-redes, fazendo o 1.º golo

O CONCURSO DE MADRID

começa hoje a disputar-se

COMEÇA hoje a disputar-se, em Madrid, o Concurso Internacional da capital espanhola e certamente, o mais difícil de quantos se realizam na Península.

Nele tomarão parte, além de todos os «cases» do país vizinho, algumas equipas estrangeiras de enorme valor e uma equipa portuguesa, homogênea e forte, cuja constituição já foi por nós dada aos leitores.

Será escusado enaltecer o valor do Concurso Internacional de Madrid que, mais uma vez, vai proporcionar luta movimentada entre os cavaleiros peninsulares, numa competição que agrada sempre e na qual os valores se equilibram, dando assim ocasião a prêmios de muito interesse.

O principal atractivo do certame madrilenho será fornecido pela disputa da «Taça do Ouro da Península», que desde 1940 os nossos vizinhos não viam disputar, por via das consecutivas vitórias da equipa portuguesa. Aguardemos com serenidade e confiança a actuação dos nossos cavaleiros numa prova que pode e deve considerar-se o Portugal-Espanha do hipismo.

Do programa do Concurso fazem parte as provas «Diputacion» (Omnium), «Gobernador Civil», «Ministério da Agricultura» (Reguladade), «Exército Espanhol», «Grande Prêmio», «Generalissimo» e «Taça das Nações», esta disputada, como é hábito, no último dia.

É curioso indicar que o chefe da equipa portuguesa, capitão Correia Barrento, poderá disputar as provas do Concurso de Madrid e, em especial, a «Taça de Ouro da Península», o que valoriza ainda mais a turma nacional que, a partir de hoje, vai representar a nossa cavalaria num certame particularmente difícil e de reputado valor.

ANTAS TEIXEIRA



RESCALDO DA «TAÇA DE INGLATERRA»

AS cores dos dois finalistas da «Taça de Inglaterra» eram o vermelho e o branco. Depois de sortear, o Arsenal viu-se constringido a mudar a sua cor (camisa vermelha com mangas brancas) por outra, de amarelo-ouro. Logo os tarsanalistas fizeram espalhar pela sua ruidosa ecaque uma quantidade infinita de «domínios» amarelo-vivo que deu ao ambiente do Wembley, apesar da chuva miudinha e impertinente que caía, uma das notas mais alegres desta famosa final.

Joe Mercer, capitão do Arsenal, foi receber das mãos do Rei Jorge VI, a famosa Taça, que, aliás, vale apenas cerca de 50 libras, por entre uma ovação estrondosa.

A Rainha nesse momento tira uma medalha das duas que estavam em cima de uma mesa e deu-lha. Mas, com a emoção da cerimónia, a Rainha entregou a Joe Mercer a medalha que era destinada ao capitão da equipa vencedora! Foi só no vestiário que o facto foi descoberto e Mercer foi alvo do bom humor inglês por parte dos seus camaradas.

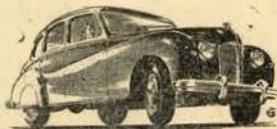
Joe aproveitou então a ocasião para a comunicação importante: de que se retirava, depois de 37 anos de idade.

dizendo: Já pouco posso realizar, e a minha ambição foi conseguida, pois comandi a equipa vencedora da Taça.

Alex Forbes, o meia-direita do Arsenal, foi no Wembley um dos melhores jogadores da sua equipa e foi também aquele que mais entusiasmo demonstrou no final do encontro quando da vitória. Para ele a «Taça» era uma coisa irreel, inacessível, uma coisa do mundo... E afim de se certificar que havia ganho bem a «Taça», acercouse dela, afagando-a carinhosamente e, deu-lhe uma série de voltas em todos os sentidos, nunca mais a largando até à entrada do vestiário. Quem possui com este espectáculo foram os fotógrafos que fizeram uma série de bocanecos raros nestas finais.

O treinador do Liverpool — Georges Kay, teve um péssimo sábado naquela final da «Taça da Inglaterra». Salu de sua casa com toda a família para assistir ao encontro, vindo a sua equipa perder em Wembley. De volta a casa, no domingo de manhã, sua mulher constata que na sua ausência a casa tinha sido literalmente «limpado» de quase todos os objectos de uso. Verdadeiro sábado aziago para George Kay!

Precisa dum carro?
Compre um **AUSTIN**
que compra bem



AUSTIN A 40

Distribuidores gerais:

J. J. Gonçalves Suers.
LISBOA — PORTO

Agentes em todos os Distritos

O festival ginástico do Sporting

HA quase dez anos decorridos; em 25 de Maio de 1940, o Sporting Clube de Portugal, então no apogeu da sua vida associativa na sede dos Restauradores, organizou no que era ao tempo o Palácio das Exposições um sarras ginástico para apresentação de todas as suas classes. Deve ter sido este, talvez o primeiro festival de educação física tendo como cenário o que hoje se chama Pavilhão de Desporto.

Assim, decorridos dois lustros, o grande clube desportivo português reatou a tradição e apresentou na passada quinta-feira, no mesmo local, a simulação brilhantíssima do seu trabalho de um ano no sector educativo, em demonstração dignificante do bom critério dos seus orientadores e professores, provando que um clube eclético especialmente consagrado à actividade desportiva pode, querendo, ombrear sem desprimor com as colectividades especializadas no ensino da ginástica educativa.

O programa que o Sporting apresentou a uma numerosa assistência propositadamente composta em grande maioria pela sua massa associativa, poderia ter sido exibido com idêntico êxito em espectáculo público. Tinha, em si, todos os elementos de agrado e, também, valor intrínseco para ser unanimemente apreciado.

A feliz associação da ginástica com o desporto, a alternância da apresentação de classes e demonstrações de can-

debol de setes, basquetebol, ténis de mesa e patinagem artística — esta, pela consagrada alôoainha Maria Antónia de Vasconcelos — trouxe à fenta sportinguê invulgar animação.

Das três apresentações desportivas, destacaremos a exibição do sandebol de setes, modalidade nova entre nós e que está destinada ao favor do público pelas suas características de dinamismo e competição.

A parte ginástica do serão, mereceria mais do que esta forçadamente sintética referência. Desde a encantadora classe dos pequeninos dos três aos sete anos até à lição dos atletas em acção, o Sporting fez passar pelo recinto do Pavilhão e gama completa da sua escola ginástica, afirmando um esforço prestigioso para a colectividade e — repetimo-lo — para os seus dirigentes, com realce directo dos professores D. Lídia San Paio, cap. Alvaro Neto, Moniz Pereira e Moura e Sá e do dr. Abel Salazar Carreira que, com tanta dedicação e competência assumiu nestes últimos anos o encargo de orientar a actividade ginástica sportingista.

Seria nosso desejo alargar estas referências ao pormenor, como de justiça; mas, porque tal nos é impossível, eliminamos da crónica todas as referências especiais porque, na realidade, não houve que distinguir. Parabens ao Sporting pela sua iniciativa; e parabens, sobretudo, pelo excelente trabalho realizado.

Os nacionais de aspirantes

O torneio nacional de aspirantes que a Federação organizou no sábado e domingo diferiu do regional precedente apenas pela presença de escassos atletas conimbricenses. O Porto, de cujo esforço de resurgimento esperávamos mais, brilhou apenas pela ausência.

Os resultados foram, na generalidade, inferiores; melhoraram-se, no entanto, três máximos: o dos 250 m. (Lemos, 30,2 s.), estafeta 4 x 60 m. (Colégio Militar, 29,1 s.) e salto em comprimento (Pinheiro, 6 m, 24). Na pista do Estádio Nacional, averiguadamente pouco favorável e vento soprando do sul, os tempos foram fracos; a organização seguiu nesta jornada de forma satisfatória, mas na véspera, na pista do Lumiar, o programa arrastou-se desnecessariamente, com largos espaços mortos, quase sempre porque os atletas tardavam em responder à chamada. O abuso está a requerer medida draconiana que o extinga de vez.

O clube que apresentou equipa mais completa e valerosa foi o Sport Lisboa e Benfica, conquistando oito títulos, o Sporting quatro, Colégio Militar e Académica de Coimbra, uma cada.

Para que estes torneios entre jovens praticantes possam alcançar todos os seus objectivos é necessário aumentar o esforço de propaganda, não só para que aumente o número de inscritos, como para atrair novas colectividades que, nesta categoria podem concorrer em plano mais nivelado e preparar elementos para mais largos cometimentos.

Os torneios de aspirantes deviam ser, pelas suas características, as mais encorajadas de todas as competições, o viveiro onde começariam a desenvolver-se os elementos novos recrutados ano a ano na idade mais própria para a assimilação da técnica do atletismo.

Juntamente com as provas do torneio disputaram-se outras, entre os consagrados, com vista à selecção para o encontro com os madrilenos; se em muitas delas o resultado foi nulo, porque só compareceram os atletas que nenhuma probabilidade têm de serem escolhidos, algumas houve que demonstraram a precoce boa forma de certos atletas, como Alvaro Dias que saltou 7 m. 07 e Manuel da Silva que atingiu com o disco 41 m. 66.

SALAZAR CARREIRA

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

Êxito clamoroso da grande atracção internacional

Consuelo Diaz-Pepe Montes

Considerada a melhor parilha espanhola da actualidade
Adoracion Reys — Mary Mely — Herm. Goyecas — Hermanas Baron — Zoraida — Herm. Avila — Olga Mendoza — Luiza Royo

AMANHÃ Sensacional estreia

DUAS MELODY BOYS
ORQUESTRAS
ARCADIA

CURSO DE TREINADORES

por TAVARES DA SILVA

ESTÁ a funcionar um Curso de Treinadores de futebol — a designação talvez não represente uma realidade! — de criação da Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol. Acusada de não fazer nada, ou de fazer muito pouco, a referida Comissão lançou-se prazentemente a uma iniciativa que seria útil, se encaminhada devidamente e com bom senso, mas que pela maneira como a ideia está a ser executada poderá ainda lançar mais confusão num meio confuso, pois ninguém está contente com o que se passa em variados sectores do futebol, desde a organização das provas à arbitragem.

Mas em vez de estudar o assunto profundamente, a actual Comissão Administrativa intentou fazer apenas obra de fachada. Era preciso passar o tempo com uma iniciativa de essência bem intencionada, que desse o direito à afirmação de que se fazia alguma coisa. Assim se fez.

Dispôs-se logo o princípio estranho e inadmissível de que os treinadores, mesmo aqueles que prestaram provas meritórias e fecundas, há boa dúzia de anos, tinham precisão de ter a carta do Curso para continuarem no uso da sua profissão, um título que eles haviam já ganho pelo saber e trabalho.

Coagidos por essa disposição federativa, abrangendo todos os treinadores da 1.ª e 2.ª Divisão — os da 3.ª já podiam ser incompetentes! — estes não tiveram outro remédio, mesmo à *contre-cœur*, de se inscreverem, visto que, na hipótese contrária, se lhes tirava o ganha-pão.

Podia dizer-se que este Curso seria de aperfeiçoamento que, em tal caso, a decisão ainda passaria e talvez fosse louvável, mas preferiu-se antes um Curso — pomposamente um Curso! — para a outorga de uma carta profissional. Em vez, porém, de se criar uma coisa a sério, o que necessariamente teria uma duração prolongada e isso talvez não estivesse nas possibilidades da economia federativa, distribuiu-se uma vasta matéria por várias disciplinas e criou-se um Curso de uma dúzia de dias, obrigando homens, reconhecidamente competentes, com uma vida inteira ao serviço do jogo da bola, a participar neste *brincar aos treinadores*.

Como, além dos candidatos forçados, o número dos voluntários foi numeroso — o que prova a necessidade de uma iniciativa do género! — ficaram estes últimos para um segundo ciclo, em Julho. Por agora, a Federação entretém-se apenas com os já reconhecidamente treinadores, pelo menos, na sua maioria.

E no fim desta dúzia de dias de trabalho, os treinadores ou ficarão em Lisboa ou retirar-se-ão para a sua terra, já aptos a exercerem a missão.

Parece-nos que para o cargo

de mestre, a Comissão Administrativa escolheu as pessoas que, na verdade, podiam exercer tais funções docentes ainda que seja pena que lá não esteja um dos técnicos que por todos é respeitado e consagrado como um caso à parte em matéria de competência, em assuntos da bola. A escolha poderia ter sido, no entanto, mais cuidadosa, não originando justos comentários.

Mas fosse mesmo o elenco mais completo que imaginar se possa de mestres ou orientadores, a verdade é que o curso é para a maioria dos candidatos uma tremenda estopada, não havendo processo de, em meia dúzia de lições, teóricas e práticas — as chamadas sessões práticas ultrapassem tudo quanto se possa conceber! — não só explicar a matéria com a devida largueza e profundidade, como ainda colher uma ideia do aproveitamento dos candidatos, da sua apreensão e da vocação para o ofício. Como se poderia ver, numa dúzia de dias — o que não é felizmente necessário! — se os candidatos estão aptos, ou não têm condições para o exercício do cargo?

Tenhamos em conta estarem a frequentar o Curso de Treinadores neste primeiro ciclo, cerca de cem práticos ou indivíduos propostos pelos clubes. Há, entre eles, nomes de técnicos estrangeiros muito conhecidos, tais como Smith, Lippo, Biri, Szabo, Peics, Simonyi e Gencki, e antigos jogadores e treinadores portugueses como Augusto Silva, Alberto Augusto, Armando Martins, Carlos Alves, Alfredo Valadas, Artur de Sousa, Alvaro Cardoso e Armando Ferreira, para não alongar uma lista, já de si longa...

Se o ensino teórico, divididos os candidatos em duas turmas, resulta deficiente, o que se passa na prática brada aos Céus! Primeiro encarregaram duas pessoas de dirigir os trabalhos em campo, depois subdividiram-se os candidatos em seis grupos com os consequentes monitores, e após a terceira sessão resolveu-se ainda um fraccionamento maior, que está longe, aliás, de evitar a desorientação. À mistura com treinadores de reconhecida categoria e competência estão homens que não conhecem do futebol os seus princípios gerais; de braço dado com pessoas com cultura suficiente para assimilar os problemas estão outros que dificilmente sairão treinadores aptos. Mas todos vão ter o seu diploma — pela dificuldade, ou melhor, impossibilidade de ajuizar dos seus méritos. Não será este procedimento contribuir para o desprestígio do futebol, ou, pelo menos, obstar ao seu progresso?

Por outro lado, o que se passa no Curso jamais poderá conduzir a resultados úteis e frutuozos. Os treinadores competentes — que indiscutivelmente há e que lá estão! — sentem-se naturalmente inferiorizados perante uma companhia que não deseja-

Desporto a sério ou a rir?

COM extraordinário interesse público exibiram-se em Portugal duas equipas americanas de basquetebol, justificadamente tidas como de classe excepcional e especialmente preparadas para fins espectaculares e, também comerciais.

O grande atractivo da excursão é, sem dúvida, o grupo formado por jogadores negros, alguns dos quais são verdadeiros artistas com a bola, que tanto podem alinhar numa competição desportiva como desempenhar com êxito um número de circo.

Assistimos à sua exibição e confessamos que nos divertimos como todo o público; em coro com as de alguns milhares de pessoas, esfuzlaram as nossas gargalhadas, admiramos e aplaudimos os «números» preparados de alguns dos negros artistas. Mas no final, quando o cérebro revive e analisou a friu o espectáculo, surgiu uma interrogação contraditória: seria aquilo desporto?

Seria desporto, aquela gama raríssima de manobras aeróbicas e, algumas, antiregulamentares que — sem necessidade imposta pela vantagem a obter — ridicularisaram o adversário? Seria desporto um espectáculo onde os espectadores riem às gargalhadas, porque um dos contendores põe em flagrante a inferioridade do outro?

Julgamos que não; e, aplaudindo embora a iniciativa que trouxe até nós os basquetistas americanos, porque da sua acção «a sério» há com certeza muito ensinamento a colher, não felicitamos os organismos dirigentes da modalidade por haverem autorizado que, contra o Harlem se defrontassem as suas seleções oficiais em lutas sério-cómicas em que as regras de jogo nem sempre eram escrupulosamente respeitadas.

A organização foi um êxito; mas qual seria, ao final das partidas em que intervieram, o estado de espírito dos jogadores portugueses?

ARTISTAS DA BOLA AO CESTO

OS JOGADORES

do Harlem Globetrotters e All Stars galvanizaram o público lisboeta

OS americanos deixaram em Lisboa — ou melhor, em Portugal — um rasto de beleza e de saúde... Mas, comecemos pelo princípio. Comecemos — dado que é de inteira justiça — por colocar, no devido relevo, a bela e arrojada iniciativa do Sporting Clube de Portugal que, depois de haver feito desfilar, na sua pista de Alvalade, os atletas do novo Continente, e de ter proporcionado ao público lisboeta o espectáculo até então inédito de ver cair um recorde do mundo, conseguiu agora, mercê do justificado prestígio que goza além-

riam, sofrendo o Curso com uma resignação cristã. Mas, de quando em vez, há um desabafo, onde transparece a descrença, ou, então, um dito de espírito como cáustico ao que se passa. Revelação de todo um estado de espírito.

Como o tratamento relativamente a todos não é igual, enquanto uns levam a coisa mais ou menos a sério, se equipam e praticam os escassos exercícios — a par de treinadores que sabem executar com perfeição, há lá pessoas incapazes de dar um pontapé com jeito! — outros são pouco mais do que observadores, largando apenas sentenças. Tudo isto provoca um mal-estar evidente.

Se os dirigentes pudessem aperceber-se do que se passa neste Curso — talvez se arrependessem da iniciativa, que poderia ser tão útil e tão mal posta foi. Mas isto é o menos. De aqui a dois meses virá outro lote de uma centena, então já sem se tratar de treinadores. E deve-se temer que eles o sejam numa dúzia de dias. A Comissão da Rua da Emenda ainda está a tempo de se emendar.

fronteiras, trazer até nós estes magdos do basquetebol, artistas verdadeiramente desconcertantes que, depois de terem feito vibrar os desportistas do Porto, de Coimbra galvanizaram o público lisboeta que nas duas noites encheu por completo o magnífico recinto do Parque de Eduardo VII, nunca se cansando de os aplaudir calorosamente.

Os espectáculos com os famosos malabaristas constituíram, sem dúvida, além do acontecimento da semana e do motivo inevitável de todas as conversas, verdadeira pedra angular para o historial do basquete lusitano. Foi, sem sombra de contestação, um altíssimo serviço prestado à modalidade e uma oportunidade excelentemente aproveitada. E o público deve ter rejubilado por ter podido presenciar aqueles que constituem alicante certaz em qualquer parte do mundo, esses famosos «jongleurs» que a França, a Suíça, a Inglaterra, a Alemanha, a Holanda, a Bélgica e a Itália guardam com viva ansiedade.

Famosos «jongleurs», dissemos. E, de facto, assim é. Verdadeiras máquinas a jogar. Há nelas qualquer coisa que transcende o simples jogo, o simples desporto. Os profissionais principalmente remunerados, os americanos exibem, a par da sua invulgar preparação física e da sua técnica apuradíssima, o seu trabalho de circo que, assentando, é certo, no desporto é, no entanto, mais qualquer coisa do que desporto. E, em suma, a sua profissão. E só assim se compreende que eles possam suportar o peso da «tornês» que vêm realizar à velha Europa, exibindo quase diariamente, de sorriso nos lábios, uma comunicativa alegria, um êxito verdadeiramente invulgar de classe, de treino e de capacidade.

Nas reuniões do Pavilhão dos Desportos, o aspecto de competição estava, claro, fora de causa. Não interessava. O fim — podíamos mesmo dizer o único fim — era ver os representantes do Harlem Globetrotters e do All Stars. E como estes, magistralmente, desenvolveram toda a gama de maravilhosos malabarismos que o cinema já nos havia revelado, o público retirou-se satisfeito, os adeptos da modalidade, aqueles que acompanhavam o basquetebol dia-a-dia, presenciarão esquemas de jogo inéditos, os praticantes receberam, nalguns aspectos, proveitosa lição.



Vasques e Ben David, principalmente este, seguiram com muita atenção o movimento da bola. Williams, porém, conseguiu a defesa



Ernesto teve intervenções de classe, oportunas e



Bentley, o centro-avanzado da Inglaterra, parece apoiar-se na cabeça de Ernesto, para fazer o remate. Mas era impossível. Teria o juiz de campo visto esta falta?

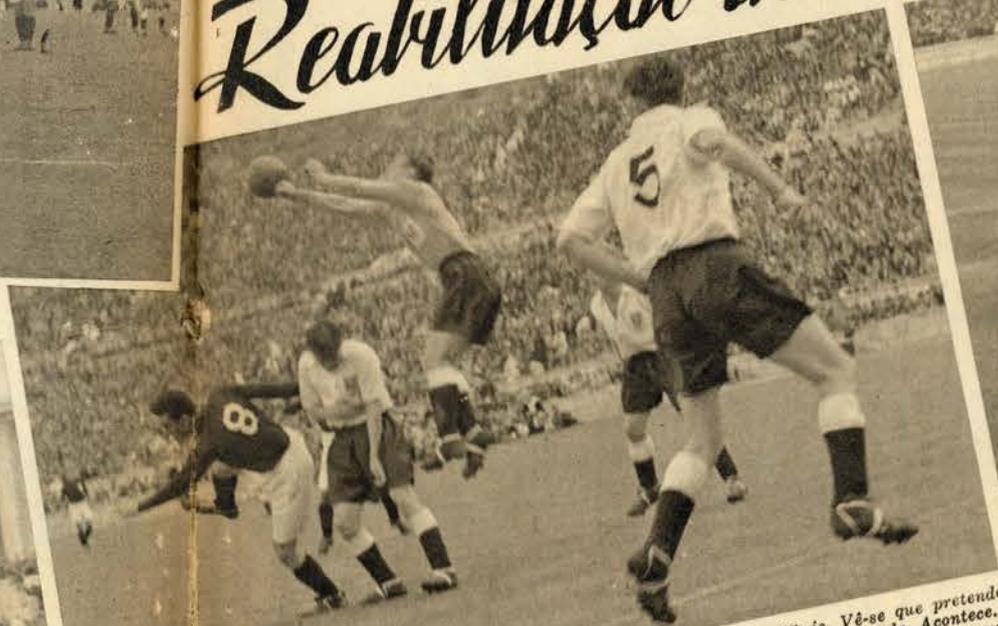


Canário e Feliz procuram deter a marcha de Mannion. É muito difícil... Repare-se como o jogador inglês cobre a bola



Feliz, vigorosamente, opõe-se à entrada de Mortensen. Ernesto, resolve o problema, com autoridade e segurança

Reabilitação da Equipa PORTUGUESA



Vasques está em desequilíbrio. Vê-se que pretende intervir no lance sem olhar para a bola. Acontece... com o entusiasmo. Williams defende. Jones observa.



Rogério tenta passar Dickinson, estando ambos os jogadores em posição correcta.



Vasques salta mais alto do que o adversário...



Vasques luta com o homem que o marca...



Ernesto tira a bola da cabeça de Mortensen. Apesar de tudo, Serafim não larga o adversário

Flagrantes

UM CRONISTA MALUQUINHO...

por MÁRIO SANTOS

UM maluquinho, usando abusivamente do meu nome, vem publicando neste cantinho da revista umas crónicas assim ao modo de quem entra em casa de pessoas muito bem instaladas na vida... desportiva.

Os maluquinhos, pela sua infeliz condição, estão sempre perdoados. Só por isso me não zango mais...

Em todo o caso este maluquinho tem a sua faísca e pode muito bem suceder que, afinal, não seja maluquinho mesmo...

Veja-se, para o efeito, a prontidão com que ele previu o regresso de Virgílio à equipa nacional e como ele adivinhou que o guarda-redes da selecção portuguesa viria a ser o Ernesto.

Claro que o maluquinho também escreveu muitas asneiras. Aquela de pôr o Candrio e o Rogério como efectivos da equipa que jogou contra a Inglaterra, só de maluco.

E o Feliciano a defesa-central!... Pobre maluquinho!...

Mas o maluquinho parece ter ideias assentes sobre pessoas e coisas de que quando em vez são debatidas por gente que é tida e havida como de muito juízo.

Ainda há dias eu li, escrito pelo punho de um dos mais preclaros professores do Curso de Treinadores, que o Eloi era o «interior português mais completo e mais esquecido». Li isto no jornal que se reputa o de maior tiragem e expansão do meio desportivo. E como naquele jornal é evidentemente verdade que não colaboram maluquinhos, fica-me uma certa dúvida sobre se o meu querido maluquinho está ou não está no pleno uso das suas faculdades mentais...

É que os maluquinhos, para o serem, não podem estar de acordo com gente de juízo. Se assim não fora, ou eram todos ajuizados ou eram todos malucos.

Em Portugal anda há muitos anos um Francklin para ser internacional. Disse-me o maluquinho que, por direito, ele já o deveria ter sido. Mas não é o maluquinho quem selecciona — felizmente. Neste caso todos terão razão — malucos e ajuizados.

Até os ingleses sentiram que a causa era de certo modo difícil de resolver e, para não haver questões em Portugal, decidiram não trazer o seu Francklin...

Escrevo esta crónica ignorando ainda o resultado do Portugal - Inglaterra. Também não tenho a sorte por mim e não encontrei o maluquinho. É que ele seria capaz, em meu mau juízo, de prever como a coisa se passaria. Mas anda desastinado de todo. Como o contrariaram, primeiro desatou a escrever sobre música e até trouxe para o papel umas considerações muito

parvinhas sobre a música do Terceiro Homem. Que sabe ele de música para poder pontificar!... Depois, adregou de andar pelas ruas a falar sozinho, umas vezes para contarolar a célebre frase musical que o Orson Wells immortalizou (que maluco também!) outras vezes para compor a linha portuguesa para o Portugal-Escócia...

E como anda maluquinho de todo parece que assegura aos quatro ventos uma reforma profunda no grupo dos seleccionados. Bate nos responsáveis como quem bate em milho verde sem que, com isso, queira demonstrar que é a gente do clube da equipa verde que tem culpa maior no que se passa...

Mas o meu maluquinho tem ainda a sua pedra no sapato. Promete a quantos têm a felicidade de o enxergar que a sua obra continuará. E tem, como disse, sentenças muito sérias. O tão debatido caso da possível repescagem da equipa portuguesa para o Campeonato do Mundo em futebol é visto pelo maluquinho de uma forma atilada e certa. Pelo menos, assim lhe parece — mas ele é maluquinho.

Pensa ele que não haveria desdouro em que lá fôssemos, evidentemente, depois que se responsabilizasse alguém pela preparação e condução dos jogadores portugueses. Ele tem a mania de que muita gente junta não se salva. Quer um responsável único — e não andará longe da razão.

«Um amigo meu teve a infelicidade de interessar um irmão seu num estabelecimento para outros doentes. No pátio do hospital havia uma algarviada enorme. Toda a gente falava — internados e visitas. Num banco estava um homem a ler paulatinamente o seu jornal. E como fosse caso que alguns doentes lançavam ao vento palavras que não estavam de harmonia com o respeito das gentes, o homem que socegradamente lia o jornal, advertiu:

— Cautela que estão aí senhoras!...

O meu amigo, então, perguntou a um médico que o acompanhava. — Quem é aquele do jornal? O médico respondeu:

— É um maluco!»

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . .	25\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00



POR TODOS OS CAMINHOS.
PARA TODOS OS MOTORES

SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS

14 ou 12 CLUBES na 1.ª DIVISÃO

A Direcção da Associação de Futebol de Lisboa que ainda há poucos dias, na companhia das outras Associações e junto à Comissão Administrativa da Federação, não tinha opinião definida sobre a questão do número de clubes, na Primeira Divisão, publicou recentemente o Relatório da sua gerência onde surge uma opinião firme e clara do assunto, que vale a pena conhecer, pois esta transcrição ilumina o desentendimento que separa a Associação de Lisboa das 15 Associações continentais.

Se o Congresso Federativo se tivesse realizado, a primeira Direcção eleita da Federação teria de resolver desde logo o grave problema da redução do número de clubes dentro do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

Continuam, uma grande parte da Imprensa e muitas das pessoas mais categorizadas e responsáveis nos assuntos da bola, a defender a permanência de 14 Clubes na 1.ª Divisão do Nacional.

Continuamos nós os da Direcção da A. F. L. a pensar de forma diversa e contrária, a considerar altamente prejudicial e asfixiante para o futebol português uma tão extensa representação na prova máxima.

O problema é grave e premente.

Pela força das circunstâncias e no estado actual da vida federativa, será a Comissão Administrativa em exercício quem deverá resolver o assunto e já no corrente ano de 1950.

Essa comissão já marcou o seu critério e tomou resoluções públicas sobre o assunto: — esperemos e confiemos que a ilustre Comissão Administrativa constituída por pessoas idóneas e independentes das influências e dos votos dos clubes e das Associações, apoiadas na reiterada confiança Ministerial, saberão ver de alto e bem o problema, para não arripiarem caminho, nem resolver mal, nem proterlar por mais tempo a solução indispensável de tal problema.

Num país de pouca população, num país de poucos aglomerados populacionais importantes, e num país de nível de vida pouco elevado, é evidentemente exagerado e insustentável manter 14 clubes na referida prova, com todas as desvantagens de excessivas despesas, reduzidas receitas, de contas sofisticadas, e de extensão de calendário que afoga e tolhe as iniciativas e as possibilidades de outras provas e de outros jogos. — F. Sá

O BOM HUMOR E O MAU CAMINHO...

DIZEM-NOS que terminaram certas discussões que agitaram ultimamente o burgo «tripeiro». Discussões que pareciam não ter fim, discussões que só traziam mal-estar e aborrecimentos de toda a espécie. Embora nada tendo com elas, pois temos feito e continuamos fazendo o possível por viver à margem desses «acontecimentos», achamos que foi bem melhor assim.

— Que lucro poderia tirar-se do «dize tu direi eu», das palavras duras, às vezes desalegrantes deste ou daquele?

— Servia-se única e simplesmente o amante das campanhas, o que lê embevecido todo este soalhar de gestos e atitudes nada dignos. Servia-se a má língua, sem que disso surgisse qualquer benefício para a prática dos desportos e para a saúde do espírito.

E fazia-se, evidentemente, mau jornalismo. A imprensa desportiva tem deveres a cumprir e tem obrigação de se prestigiar cada vez mais, servindo o público com o poder da sua doutrina e da sua lógica intangível. Tem obrigação de aconselhar o público com a serenidade necessária e a autoridade que lhe dá a sua posição no xadrez desportivo e na própria Vida Nacional.

Fazia-se isso? Não, não se fazia. Derrotava-se em lugar de construir. Dizia-se mal por inconsciência ou propósito, para fazer a vontade a grupos e grupinhos, a um pequeno grupo de pessoas que andam no desporto a «reinar», sempre e sempre a «reinar».

Perdem com esta atitude um tempo precioso. A doutrina pouco ou nada interessa a quantos são capazes, afinal, de se envolver em campanhas íteas e sensatas. Infelizmente para o jornalismo e para o desporto, esqueceram-se as necessidades urgentes, tanta coisa que está por fazer, tantas iniciativas curiosas e dignas de ser ponderadas e conhecidas.

Esquece-se tudo isso. A ideia da campanha e do insulto predomina, e os jornais, alguns jornais, bem entendido, passam a valer pelo número de agravos que transmitem ao amigo de tal espécie de leitura. Mal para todos. Mal para os especialistas do género, alguns dotados de faculdades que não se deveriam desviar para nenhum outro meio impróprio. E mal, digam o que disserem, para o novo ou o velho, necessitados decididamente de conhecer o que se passa em sua volta, mas de maneira a ficar bem disposto e convencido da utilidade dos jornais e dos jornalistas.

Mas bem: dizem-nos que o processo foi condenado por quem de direito. A boa leitura ou, pelo menos, o desejo de se contribuir para que se instrua e se produza obra agradável, embora sem excluir, dentro de certa medida, a agudeza e a crítica séria devem surgir e dominar.

Que seja assim. A imprensa carece de ser dignificada. Precisa de ter «altura» e de se fazer respeitar. Do contrário — cumpre mal com a sua missão.

Ou não será assim?

RODRIGUES TELES

CURIOSIDADES...

1 No xadrez jornalístico desportivo deve dar-se dentro de pouco tempo um acontecimento de sensação.

2 As exhibições das equipas americanas de basquetebol apuraram em cheio. O Vasco da Gama, interessado na organização, não lucrava muito mas não perdia.

3 A notícia de que Lourenço iria brevemente de abalada até Lourenço Marques não se confirma. O próprio jogador a desmentiu. Ainda bem.

4 Andam turvos os ares na direcção do Salgueiros. Entre o seu presidente e o tesoureiro levantaram-se alguns atritos.

5 Dizem-nos que Araújo se deslocou para Lisboa, a fim de consultar três professores de medicina. Era o caminho a seguir, em boa verdade, e isso dissemos no último número.

6 São curiosas as referências de Leizes ao casaco Pedroto. Nas hostes do F. C. Porto conta-se uma história. Na parte matozinhenta conta-se outra. E talvez o Lusitano e o Belenenses apontem ainda outra...

7 O invitador Mena Matos — dizem-nos — jalando ao microfone de Ideal Rádio, que Júlio Silveira dirige com entusiasmo e dedicação, referiu-se a «jornalistas de café», no decurso de um programa dedicado ao F. C. Porto. Não podemos ouvir. Todavia, se Mena Matos pensou assim — ele lá sabe...

8 A inauguração do Estádio 28 de Maio, em Braga, também interessa

bastante nesta cidade. No magnífico Estádio da capital do Minho devem estar presentes muitas centenas de portugueses. Assistiremos todos à primeira demonstração valorosa do poder desportivo norteño.

9 Pensa-se em fazer jogar o Porto contra o Benfica ou contra a Académica, em juniores, no dia da festa de Vitor Guilhar. Os desportistas portugueses gostariam, com certeza.

10 O jogador argentino Pereira, continuará na Ovarense. Havia quem alimentasse a esperança de o ver jogar num grande clube desta cidade.

11 Também o Salgueiros reforçará as suas equipas com ciclistas espanhóis. Com vista à «volta a Portugal», claro.

12 A linha avançada do F. C. Porto deverá ser muito alterada no próximo ano. Se aparecerem jogadores... O que é sempre difícil.

13 A vinda ao Porto da equipa de S. Paulo parece estar definitivamente assegurada.

14 Sabe-se que a pista do Lima será explorada por uma Comissão de sócios do Académico e pelo F. C. Porto. Prepararam-se alguns espectáculos nocturnos para muito breve.

15 O título ganho pelo Boavista Futebol Clube não pôde deixar de satisfazer os portugueses. Desde que fiquem lá na primeira Divisão Nacional — está assegurada a comparação de mais um clube português.

na capital NORTE

O BOAVISTA E A REPRESENTAÇÃO PORTUENSE

O Boavista Futebol Clube conquistou, pela segunda vez, um título grande, e nesta altura com uma oportunidade que merece ser posta em relevo. Pode bem dizer-se que o Boavista F. C. reagiu dignamente contra a sorte que o perseguiu no ano findo, conquistando o título e o direito de figurar, novamente, ao lado dos maiores clubes portugueses.

A falta do Boavista fazia-se sentir grandemente. Ou melhor: a falta do Boavista tirou aos desportistas portugueses o prazer de assistir a futebol de categoria todos os domingos. Além disso, mesmo que vissemos em campo o Boavista irregular da época finda, é fora de dúvida que a classificação do primeiro português sofreu com a falta de um companheiro. Não sofreria assalto o título, sem dúvida alguma, tão expressiva foi a superioridade benfiquista, pelo menos no tocante a pontos, mas os segundos planos não estariam com certeza tão perto do F. C. Porto ou mesmo mais bem classificados.

Todavia, não é por tal motivo que lamentamos o ano passado a ausência do Boavista. Lamentamo-lo, isso sim, porque o clube tinha valor para se bater e para

servir o público amante da bola. Os domingos em que o Porto se deslocava — não havia sol na cidade.

Os jogos de II Divisão, diga-se o que se disser, não podem ser vistos pelo mesmo ângulo e nem isso aconteceu na capital do Norte, salvo um ou outro caso especial.

Logo, saudemos o Boavista Futebol Clube e a sua reentrada na Divisão de Honra da Federação Portuguesa de Futebol. Saudemos sinceramente a sua equipa, a quem falta disputar um jogo em Viseu, mas sem influência na classificação. Como se sabe, alguns jogadores do clube do Bessa são dos mais considerados no xadrez nacional, como ainda este ano se demonstrou com a chamada de Serafim e Caiado, à Seleção Nacional, coisa pouco vulgar, visto tratar-se de um clube da II Divisão.

Aguardemos, portanto, que esses mesmos jogadores reafirmem na próxima época as suas qualidades e contribuam desde o princípio para evitar ao Boavista, seu clube, as contrariedades experimentadas no declinar do último ano futebolístico.

ASSUNTO ARRUMADO

Julgamos saber, já nesta altura, que o assunto está arrumado: — 14 e não 12 na Divisão Maior da Federação Portuguesa de Futebol.

De facto, seja qual for o interesse que a primeira Associação do país possa ter na redução de 14 para 12, não se encontra motivo que justifique a medida que a esmagadora maioria defende. Pode a Associação de Futebol de Lisboa apresentar razões especiais, até muito justificadas e justificáveis. Podem os seus interesses ser feridos no campo financeiro. Tudo isso está muito bem.

Mas, passando em revista o que se tem passado no campo da prática, parece-nos que o futebol português lucraria muitíssimo com o alargamento. A modalidade mais popular expandiu-se com segurança, do Minho ao Algarve, e o benefício não pode nem deve esquecer-se.

Bem se sabe que são penosas, por exemplo, as deslocações Braga ou Guimarães-Olhão e vice versa. Bem sabemos que, ainda por cima, rematam-se essas deslocações com um prejuízo respeitável. Mas também sabemos que o público do Minho ou do Algarve procura dar a estes jogos, em larga contribuição, o melhor do seu auxílio e do seu entusiasmo.

Estes jogos, portanto, trazem largos benefícios ao futebol. Ficam sempre

adeptos. Ficam sempre apontamentos sobre o valor do jogadores. E, por exclusão de partes, eleva-se o nosso nível no campo desportivo. A selecção de clubes, e até de centros, poderia ser mais bem feita, evidentemente, com a presença de menos equipas.

Mas o «sacrifício» de ver o lote de concorrentes menos homogêneo é compensado, e largamente, com o aumento de adeptos em todos os cantos do país. Criaram-se em Guimarães e em Braga; na Covilhã e em Elvas; em Vila Real de Santo António. Por aí fora...

Logo, parecia-nos demasiado cedo para amputar 2 clubes ao campeonato. De resto, viu-se que no Porto fazem falta dois concorrentes. Que nos meios relativamente modestos, se viu de entusiasmo, lutando-se bravamente na couda da classificação para ficar dentro do torneio. Sintoma de interesse flagrante. Pois é preciso acompanhar esse interesse, essa «ordem», digamos, dos adeptos do futebol português.

Prejudicam-se os grandes, 3 ou 4 neste caso? Achamos que sim. Mas esse facto não pode tirar qualquer grupo do seu lugar. O futebol deverá expandir-se, mesmo que nessa expansão entre o sacrifício dos clubes de alicerces sólidos.

Aliás, temos a certeza nesta altura, venceu já o bom senso. Teremos 14 clubes na Divisão Maior...

AS FESTAS DO 46.º ANIVERSÁRIO do SPORT LISBOA E BENFICA



O sr. tenente-coronel Ribeiro dos Reis, nas festas do Aniversário, afirma: «Continuemos, pois, a fazer dessa dedicação e da nossa forte camaradagem clubista, os meios mais seguros e mais valiosos para garantir o futuro do clube. Viva o Benfica».



O sr. dr. Salazar Carneira, inspector dos Desportos, entrega a uma associada do Benfica o «emblema de dedicação».

CAMPEONATO DE TIRO DA F. N. A. T. A VENCEDORA



Maria de Lourdes Moura, do G. D. da Companhia Carris, que repetiu a vitória no Campeonato Distrital de Tiro e venceu também o «Nacional», com 148 pontos, num máximo possível de 150.

EQUIPA NACIONAL DE HIPISMO

O Concurso Hípico de Mafra, forçou o capitão Correia Barreto a alterar a constituição, até ali provável, da equipa nacional que hoje começa a disputar o Concurso Internacional de Madrid.

Os cavalos «Vouga» e «Faralhão», por manifesta infelicidade, ficaram impossibilitados de se dedicarem ao estrangeiro o que afastou o tenente Joviano Ramos da equipa previamente formada.

Foi chamado, pela primeira vez à selecção o tenente Cruz Azevedo, que a gratura apresenta, um concursante de reconhecidos méritos e que, em Janeiro, apontámos, nas nossas colunas, como merecedor de tamanha distinção. O novo internacional mostrará, em Madrid, os cavalos «Ramos» e «P'bu».



A Prova Ciclista da F. N. A. T.



1—Os ciclistas da 1.ª e 2.ª categoria preparam-se para partir, disputando o Campeonato distrital de ciclismo, organizado pela F. N. A. T.

2—Os dois vencedores individuais: à direita José Fidalgo em 2.ª categoria com 2 h. 37 m 4 s. e à esquerda Porfírio dos Santos de 1.ª categoria com 2 h. 34 m. 54 s., ambos do G. D. da Fábrica Cimento Tejo.

3—A equipa dos C. T. T. classificada em 1.º lugar.

Esgrimistas Portugueses nos Torneios de Marselha



O grupo de esgrimistas portugueses em Marselha. No 1.º plano, Andrade Barreto e Penha e Costa. No 2.º plano, da esquerda, Mário Mourão, Carlos Dias, Melo e Castro, Constantino Mouton Osório, o consul Mário Duarte, Andrade e Silva, Álvaro Pinto e Pinto Ferreira.

A presença de atiradores portugueses nos torneios internacionais de espada e sabre do Sudeste da França, celebrados em Marselha, marcou um apreciável realce a esforçada campanha pelo ressurgimento da esgrima nacional, que os actuais dirigentes da Federação empreenderam e estão levando a bom termo com o decisivo apoio do sr. Director Geral dos Desportos e o espírito compreensivo dos cultivadores da modalidade.

(Continua na página 3)



Bentley ultrapassa Felix e Carvalho, mas Ernesto sai-lhe ao encontro e tira-lhe as ilusões



Dois intervenções de Felix em golpes de perigo: numa delas, o defesa português não deixa que o remate seja desferido com tranquilidade; na outra consegue até captar a bola



Ernesto tira a bola da cabeça de Bentley. A sua estatura auxilia-o nestes golpes



Uma atitude espectacular de Ben David, provocando uma defesa assás difícil do guarda-redes inglês



Travassos, em estilo que o acredita como um jogador de invulgar execução, no momento de rematar às balizas



Logo no começo da partida, o guarda-redes nacional entrou várias vezes em acção. Os ingleses fizeram boas manobras de ataque terminadas com remates perigosos, ou com os pés ou com a cabeça. Bentley, em acção, torna difícil a vida de Ernesto



TODO O MOVIMENTO
PODE PRODUZIR VITÓRIA

A S A C O R

PODE CONCORRER
PARA ESTE MOVIMENTO

— SEM OBSTÁCULOS E
— SEM DECEPÇÕES

Os seus produtos contêm
estes elementos capitais:

ENERGIA

EFICIÊNCIA

TRIUNFO

LUGAR AOS VELHOS!

é o grito na Inglaterra



O jornal inglês, «The News Cronicles», abriu um concurso entre os seus leitores para saber quais eram os jogadores que deviam ir ao Rio de Janeiro (ou melhor, Belo-Horizonte) representar o seu país.

A resposta foi um pouco imprevisível e mostra bem o carácter conservador dos mestres ingleses. Mandem os velhos! foi este o grito dos leitores daquele importante jornal londrino cuja tiragem é de cerca de um milhão de exemplares.

O jogador mais votado foi Wright. A constituição da equipa dos leitores foi a seguinte:

Williams; Scott; Franklin; Ashton; Watson; Wright; Matthews; Mortensen; Rowley; Mannion e Finney.

Como se depreende desta lista de nomes a maior parte destes são jogadores consagrados, já com idades que variam dos 28 aos 38 anos.

Qual será a opinião dos seleccionadores ingleses após este concurso? A primeira jornada do Campeonato do Mundo dar-nos-á a resposta. Até lá todas as conjecturas são possíveis. O certo é que os velhos têm uma cotação muito alta.

BOXE

Fala-se muito da doença do campeão Ezzard Charles e numa provável retirada prematura do titular. Segundo consta, fracturou determinada costela e os médicos exigiram largo repouso, até consolidação segura. Outros informes atribuem a uma decisão de tensão arterial o alarme da medicina.

Guilherme Martins continua no Brasil, colecionando bons resultados. Em S. Paulo, fez frente a um argentino de categoria derrotando-o por pontos com brilho inusitado, que levantou clamores de entusiasmo na imprensa.

Nos Estados-Unidos, o cubano Kid Gavilan, aspirante ao título de semi-campeão, ganhou a George Costner, por pontos, ao fim de 10 assaltos. A batalha, disputada em Filadélfia, foi desesperada e a decisão por margem reduzida.

Lee Oms, peso-pesado americano sempre fantasista, e Bill Weinberg, foram desqualificados em Cincinnati, por faltas consecutivas contra o regulamento, ao 7.º assalto de um pseudo combate.

Em Amsterdão, o robusto pugilista francês Gilbert Stock, irmão de Jean Stock, detentor do campeonato de emédios, foi vencido por K-O, ao 2.º assalto, pelo holandês Harry Bos.

Em Barcelona, Luis de Santiago, titular de semi-leves, derrotou o campeão belga Maechterlinek, por pontos. Os dois combates de 28 de Maio e 6 de Junho, a efectuar em Mannheim e Londres, entre os «pesados», Jersey Joe Walcott e Helen Ten Hoff, por um lado, e Lee Savold e Bruce Woodcock, pelo outro, não devem ter resultados que surpreendam. Tanto Savold como Walcott deverão triunfar mas se se produz a inversa, cria-se um animado despique entre europeus e americanos.

Rafael da Silva (segundo parece, já não está na «matilha» de Bretonnel mas na de Routis) exhibiu-se em Cosne, numa festa a que presidiu o antigo e notável pugilista Charles Ledoux.

TENIS

Os campeonatos Internacionais de Paris terminaram com a vitória dos americanos. Em singulares, masculinos, Billy Talbot derrotou Budge Patty por 6/3, 9/7, 6/1 revelando uma técnica apuradíssima e que o classifica entre

FUTEBOL

Terminou o campeonato de Inglaterra, com os seguintes resultados:

Portsmouth, tal como em 1949, triunfou na Primeira Divisão, em igualdade de pontos com os Wolves mas superior no balanço de tentos: Manchester City e Birmingham, candidatos do agrupamento, baixaram à Segunda. Nesta, o grande vencedor foi Tottenham Hotspurs, por certo o *team* mais notável da época 1949-50, cujos nove pontos de vantagem, sobre Sheffield Wednesday, se não registavam desde 1895.

Portsmouth ficou devendo o seu êxito ao arranço final: Nos nove encontros derradeiros conseguiu 14 pontos, factor decisivo e, também, merecedor de referência.

Os grandes clubes da temporada, exceptuando os mencionados, foram Arsenal, Wolves e Liverpool. Os arsenalistas, pela irresistível recuperação no campeonato e pela conquista da Taça; os «lobos» pela excelência dos seus méritos globais, que os levou ao segundo posto; e os de Liverpool pela dupla proeza de quase conseguirem dois títulos, o da Liga e o da Taça.

O campeonato da Escócia também findou, com a ordenação seguinte: 1.º Glasgow Rangers; 2.º Hibernians; 3.º Hearts; 4.º East Fife; 5.º Celtic, etc.

A posição de Juventus, no campeonato italiano, agora quase concluído, está assegurada. Leva a Milão 5 pontos de margem e os milanenses meia dúzia a Internazionale. Os quarto e quinto classificados, Lazio e Florença podem discutir, ainda, as respectivas posições.

Servette não deve repousar sobre os louros conquistados, pois Basilea e Lausanne, a um e três pontos de atraso, tem voz activa no desfecho do Campeonato da Suíça.

Na Bélgica, Anderlecht tem o título assegurado, com cinco pontos de vantagem sobre o imediato, Berchem, que leva agrado L'A Cointoise, à distância mínima.

Finalmente, Malme, na Suécia, campeia acima dos outros participantes, com oito pontos sobre Norrköping, igualmente distanciado de Helsingborg. O A. I. K. está em 4.º lugar e Norrköping em 5.ª posição, lado a lado com Elfsborg.

Também se concluiu o campeonato de França, com a vitória sensacional de Bordeaux, um grupo que na época passada militou na 2.ª Divisão.

Os girondinos bateram Metz por 3-2 e já não puderam ser alcançados pelo Lille, classificados em 2.º lugar, com Reims e Toulouse a pequena diferença.

Presenciado por 45.000 pessoas, jogaram em Milão as equipas B de Itália e de Inglaterra. Contra todas as previsões, os ingleses foram abertamente dominados, perdendo por 5-0, ante um adversário que se mostrou tecnicamente superior.

ATLETISMO

A época dos desportos atléticos está em franco progresso, nalguns países. Assim, anotem-se as proezas que escolhemos, entre outras, de menos lute:

Um russo, actuando em Milão e Roma, projectaram o disco o 54^m,42 e 51^m,87, respectivamente.

Em Los Angeles, o dardista Held atingiu a distância de 70^m,74, e Roseme, seu rival, ficou-se em 70^m,08; os lançadores de peso, Chandler e Davis conseguiram 16^m,60 e 16^m,28; Ashley correu as 120 jardas-barreiras no tempo de 14, 2 segundos.

Em Nova-Orleães, o velocista Renshaw correu as 440 jardas no tempo excelente de 47,7 seg. e na localidade de S. Clara, o saltador Simmons pulou 7^m,43.

Em Nova Iorque, Vic Frank, um excelente discóbolo, afitrou o engenho a 53^m,69 e Jim Fuchs, recordista do peso, realizou 17^m,12.

Os melhores ases, da raquete, apesar da sua pequena capacidade física, pois é um diabético.

Em pares, masculinos, a associação Talbert-Talbert conquistou o troféu ganhando por 6/4, 4/6, 3/6, 6/3, 6/2 ao grupo B. Patty-B. Sidwell.

As eliminatórias para a Taça Davis (zona europeia) deram até este momento, os seguintes resultados:

A Itália eliminou a Inglaterra, por 3/2; a Bélgica fez outro tanto à Finlândia, por 4/1; a Suécia ganhou à Holanda, por 4/1 e a Suedalvia triunfou sobre a Áustria por 5/0.



NOTA DA SEMANA

A derrota dos profissionais ingleses, em Milão, batidos pelo expressivo resultado de 5 a zero, vem muito a propósito repor nos seus verdadeiros lugares alguns juízos antigos, uns, sobre a invencibilidade e supremacia dos ingleses, outros, a respeito dos fracassos das equipas nacionais.

As informações recolhidas até ao momento revelam que a técnica italiana se mostrou mais acabada e menos rígida que a dos visitantes, apesar da categoria insofismável destes últimos e do seu desejo de bem triunfar. É certo, o Campeonato de Inglaterra constitui uma prova de gastamento excepcional, de tal modo que, apenas se conclui, os jogadores baixam de capacidade a olhos vistos, mas seria absurdo pensar numa quebra de rendimento tão elevada para justificar os 5 a zero de Milão.

No fim de contas, os italianos também disputam o seu campeonato segundo fórmula parecida com a dos ingleses, e as atenuantes reunidas para uns servem, também, para os outros.

A explicação da volumosa derrota encontra-se melhor se aceitarmos que o desnível antigo, entre continentais e insulares, é actualmente muito menor que outrora. Por isso, as deslocções e o ambiente, pesam de maneira sensível no desfecho dos desafios disputados fora de casa pelos ex-ínvictos britânicos. Simultaneamente (e a tal respeito não deve haver dúvidas) a qualidade de jogo baixou, depois de aceito o processo de evitar golos a todo o transe, aferrolhando a baliza com dispositivos de segurança. Já em Inglaterra se levantam objecções ao sistema, pormenor de importância, que convém não perder de vista, neste caso.

Admitindo a supremacia técnica dos ingleses e também a de ordem tática, não se percebe como tenham sido tão copiosamente batidos, sem lesões que expliquem a sua passageira insuficiência. Além de tudo, ainda é admissível aceitar o teorema de que uma equipa de selecção possui menos coesão do que uma boa equipa de clube. Certos resultados, feitos extra-muros pela turma nacional, já não conseguem apresentar-se tão desastrosos e reveladores como dantes, agora que os mestres retiraram do campo com cinco tentos sem resposta.

A partida brusca do internacional Franklin, na véspera do Campeonato do Mundo, surpreendeu dolorosamente os dirigentes ingleses, que se vêem privados à última hora de um importante elemento.

Negócios são negócios (pensou o conhecido médio-centro) e lá se marchou para as Américas, onde será principescamente tratado, à semelhança de outros ases da «canela» prodigalizando conselhos em casa estranha. Enfim, o seu proceder poderá, ser mais ou menos benevolamente julgado, consoante os pontos de vista da ética desportiva. Confrontados direitos e obrigações é difícil chegar a uma conclusão certa. Aliás, os ingleses dispõem sempre de vários jogadores jovens, quase tão bons como o velho seleccionado, e aos quais esta oportunidade agradará.

Fica de fora, naturalmente, o problema do profissionalismo ser ou não a fórmula menos vantajosa de quantas podem conciliar, benefícios materiais e deveres de outra índole.

Em Inglaterra, a retirada de Franklin não se considera uma deserção desportiva; quando muito, significará um gesto egoísta, pouco simpático, mas de puro negócio. Nos países latinos o caso mudaria de figura e desde o aplauso sem reservas até ao desprezo total, haveria de tudo e para todos os paladares.

Homem parece que conseguiu meios de locomoção próprios para singrar no azul celeste e posar na litosfera sem precalços. Um francês, Léo Valentin, arrojou-se no espaço a 2600 metros de altitude e manteve-se no ar maneando umas asas de sua invenção, de tal modo que só abriu o pára-quadras de segurança para aterrar, a 600 metros do solo.

O dispositivo é accionado pela força muscular do inventor, que executou a experiência pela segunda vez, mas resta conhecer melhor o alcance e as possibilidades das asas, no que respecta ao voo dirigido. Testemunhas presenciais hesitam em aplaudir, sem reservas, tratando o caso de solução definitiva, mas admitem que se está em presença de uma satisfatória realização provisória, o que não é nada mau.

A possibilidade do Homem evoluir pelo espaço celeste, por meio de asas, tentou sempre a imaginação humana. Os fracassos de Icaro, como de Lilienthal, não significam renúncia ou impossibilidade e este ousado pioneiro, Valentin, traz no apelido a coragem de se arriscar sem prémio mas só pelo amor à arte.

RAFAEL BARRADAS

**Os
160 Kms.
do
Campeonato
Regional
de
Independentes**



Depois de largarem do Estádio José Alvalade os corredores lançam-se na primeira parte do percurso: Lisboa-Carregado. Passam em Sacavém ainda em pelotão.



Perto de Vila Franca, Onório Francisco que depois viria a desistir, teve uma fuga no que foi bem acompanhado por Manuel Barros.

UMA EXIBIÇÃO DAS CLASSES DE GINÁSTICA DO SPORTING



Um bonito esquema da classe de senhoras em ginástica musicada, dirigida pela professora D. Lídia Sampaio.



Um exercício da classe de atletas sportinguistas dirigido pelo prof. Mário Moniz Pereira.



A passagem por Torres Vedras o pelotão, comandado por João Lourenço seguia em perseguição dos fugitivos



E os primeiros chegam ao Estádio José Alvalade



Joaquim Apolo, do Louletano, que conquistou o título de campeão regional de independentes.



Império dos Santos, do Benfica, vencedor dos 160 quilómetros — a última prova do Campeonato regional.

Os basquetistas americanos no Pavilhão dos Desportos



Depois das suas exibições em Coimbra e no Porto, os basquetistas americanos jogaram em Lisboa no Pavilhão dos Desportos. A iniciativa do Sporting constituiu um êxito.

**PORTO
vence LISBOA
em ANDEBOL**

- 1—A equipa do Porto que venceu a de Lisboa por 8-4.
- 2—A equipa de Lisboa.
- 3—Um dos golos do Porto, rematado por Paulo.

